



Folar de Valpaços

SUGESTÃO DE LEITURA

O Cavaleiro da Armadura Enferrujada

A obra literária *O Cavaleiro da Armadura Enferrujada*, de Robert Fisher, figura-se uma história elementar, mas com uma mensagem magnífica: “O primeiro passo do cavaleiro na sua viagem iniciática e alquímica é também o nosso primeiro passo no caminho misterioso da Verdade e da Vida. É uma leitura que suscita a expansão da nossa mente e nos transforma, qualquer que seja o nosso *background* espiritual, filosófico ou religioso. Ela ensina-nos, com lucidez, espontaneidade e um subtil sentido de humor a libertar-nos das barreiras que nos impedem de nos conhecermos e amarmos a nós mesmos” [1].



É uma fábula alegórica, uma vez que, apesar da ambientação medieval, tudo deve ser interpretado com relação ao nosso quotidiano e à essência da nossa condição no seu seio.

[1]. FISHER, Robert. (2012). *O Cavaleiro da Armadura Enferrujada*, col. Revelações, 14.ª ed., Lisboa: Editorial Presença.

AV



ARTES

Faça você mesmo...

COELHO / CESTO DA PÁSCOA



Ingredientes:

- 1 kg de farinha;
- 12 ovos mais uma gema;
- 350 g de gordura (150 g de manteiga, 150 g de banha e 50 g de azeite);
- 30 g de fermento de padeiro;
- 1 frango pequeno corado;
- 1 salpicão pequeno;
- 200 g de presunto;
- 1 chouriço de carne;
- salsa



Confeção:

Peneira-se a farinha com um pouco de sal fino para um alguidar e faz-se uma cova no meio. Desfaz-se o fermento de padeiro em 0,5 dl de água tédida, deita-se na cova da farinha e vai-se envolvendo nela. Colocam-se os ovos inteiros com a casca numa tigela e cobrem-se com água morna. Alguns minutos depois, abrem-se para dentro da farinha (sempre ao centro) e vai-se fazendo absorvê-la, trabalhando-a a partir do centro.

Juntam-se as gorduras e põem-se a derreter sobre lume brando. Juntam-se à massa e trabalha-se tudo adicionando a quantidade de água necessária para se obter uma massa fina. Em seguida, bate-se a massa com as duas mãos até esta se desprender completamente do alguidar. A massa considera-se bem batida quando à superfície aparecerem umas bolhas. Nesta altura polvilha-se a massa com um pouco de farinha, cobre-se com um pano e envolve-se o alguidar com um cobertor. Coloca-se num local tédido e onde possa receber mesmo uma certa quantidade de calor, mas indiretamente. Nestas circunstâncias, a massa leva mais ou menos 2 horas a levedar.

A massa está levedada quando atingir o dobro do volume e quando, ao abrir, apresentar um aspeto rendado. Tem-se um tabuleiro retangular, cujos bordos não devem exceder 8 cm de altura, muito bem untado com banha. Cortam-se o chouriço e o salpicão às rodela, o presunto às tiras e desossa-se o frango, limpando-o de peles e ossos e desfazendo-o em febras.

Divide-se a massa em três partes, devendo uma delas ser um pouco maior. Estende-se esta parte maior e forram-se com ela o fundo e os lados do tabuleiro. Espalha-se por cima metade da porção das carnes e salsa e cobre-se com a segunda parte da massa, sobre a qual se dispõem as restantes carnes.

Finalmente, tapa-se o folar com a terceira parte da massa e unem-se os bordos a esta camada final. Deixa-se o folar levedar novamente até aparecerem à superfície umas bolhinhas. Nesta altura, pincela-se com gema de ovo e leva-se a cozer em forno bem quente durante cerca de 45 minutos.



<http://gastronomia.com/>

EDITORIAL

Ao chegarmos ao fim de mais uma etapa da nossa vida escolar, irremediavelmente somos “forçados” a perguntar-nos: o que fizemos, afinal?

A tentação - exagerada - é de afirmarmos que pouco ou nada se fez de útil. No entanto, quando olhamos para trás, fica-nos o sabor agradável de um caminho percorrido que nos engrandece enquanto comunidade educativa.

Assim, neste período letivo, como não podia deixar de ser, congregámo-nos em torno de várias atividades que nos permitem afirmar que existimos enquanto “família”. O ponto mais alto dessa caminhada foi, sem dúvida, a 14 de fevereiro, a presença do Senhor Bispo, D. António Marto, na nossa modesta comunidade. Pudemos apreciar a singeleza do seu trato e a sapiência das suas palavras que nos enriqueceram a todos, estou certo disso. A Escola agradece, pois, a sua visita.

No ano em que a diocese pretende continuar a dar ênfase à verdadeira essência da identidade cristã - a Fé - ouvimos com entusiasmo o nosso “pastor” transmitir-nos esse tesouro que devemos partilhar com todos os que nos rodeiam.

Por outro lado, neste percurso quaresmal, rumo à Páscoa da Ressurreição, tivemos a jubilosa notícia da eleição do papa Francisco, como guia espiritual dos católicos do mundo inteiro. Regozijamo-nos com a sua escolha para o novo pontificado e pedimos a Deus que o ilumine nesta difícil tarefa de orientar os seus fiéis.

Em resumo, este boletim escolar convida-nos a uns momentos de reflexão, neste período tão conturbado da nossa vida social e política, mas que não nos pode deixar abater pelo pessimismo e desânimo que, quase involuntariamente, se apodera de todos nós.

Uma santa Páscoa!

O Diretor



Nesta edição:

Tempo de entrega a Deus	Pág. 2
Uma visita especial	Pág. 3
Momentos de Reflexão	Págs. 4 e 5
Percursos e Vivências	Págs. 6 e 7
Culinária/Artes/Leituras	Pág. 8



Ficha Técnica:

Diretor: Artur Costa

Redação e revisão: Ana Vale, Catarina Raimundo e Paulo Clemente

Propriedade: Escola de Formação Social Rural de Leiria





TEMPO DE ENTREGA A DEUS

A Páscoa



O grafema **Páscoa**, do hebraico *Pesach*, designando *passagem*, através do grego *Πάσχα*, é um evento religioso cristão.

Na Páscoa é comemorada a Ressurreição de Jesus Cristo, depois da sua morte por crucificação, na Sexta-Feira Santa.

A Páscoa celebra-se entre 22 de março e 25 de abril, correspondendo ao período do ano canónico que dura cerca de dois meses, desde o domingo de Páscoa até ao Pentecostes.

Símbolos da Páscoa

O Círio Pascal, vela que se acende na igreja no Sábado de Aleluia, é o símbolo de que "A luz dos povos é Cristo" (cf. Mc.16, 15) e Deus é "o Alfa e o Omega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro" (cf. *Apocalipse* 22:13).



De todos os símbolos, o ovo de páscoa é o mais esperado pelas crianças.

Nas culturas pagãs o Ovo trazia a ideia de início de vida. Os povos costumavam presentear os amigos com ovos, desejando-lhes boa sorte. Os chineses já costumavam distribuir ovos coloridos entre amigos, na primavera, como referência à renovação da vida.



Existem muitas lendas sobre os ovos. A mais conhecida é a dos persas: eles acreditavam que a terra havia caído de um ovo gigante e, por este motivo, os ovos tornaram-se sagrados. Os cristãos primitivos do oriente foram os primeiros a dar ovos coloridos na Páscoa simbolizando a ressurreição, o nascimento para uma nova vida.

Em alguns países da Europa costumava escrever-se mensagens e datas nos ovos e doá-los aos amigos. Em outros, como na Alemanha, o costume era presentear as crianças. Na Arménia, decoravam ovos com figuras de Jesus, Nossa Senhora e outras figuras religiosas. Pintar ovos com cores da primavera, para celebrar a Páscoa, foi adotado pelos cristãos, no século XVIII. A igreja doava aos fiéis os ovos bentos. A substituição dos ovos cozidos e pintados por ovos de chocolate, pode ser justificada pela proibição do consumo de carne animal, por alguns cristãos, no período da Quaresma.

A versão mais aceita é a de que o surgimento da indústria do chocolate, em 1830, na Inglaterra, fez o consumo de ovos de chocolate aumentar.

Pela sua grande fecundidade, o Coelho tornou-se o símbolo mais popular da Páscoa. É que ele simboliza a Igreja que, pelo poder de Cristo, é fecunda na sua missão de propagar a palavra de Deus a todos os povos.



O Cordeiro é o símbolo mais antigo da Páscoa, é o símbolo da aliança feita entre Deus e o povo judeu na Páscoa da antiga Lei.

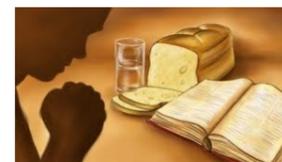


No Antigo Testamento, a Páscoa era celebrada com os pães ázimos (sem fermento) e com o sacrifício de um cordeiro como recordação do grande feito de Deus em prol do seu povo: a libertação da escravidão do Egito. Assim, o povo de Israel celebrava a libertação e a aliança de Deus com o seu povo. Moisés, escolhido por Deus para libertar o povo judeu da escravidão dos faraós, comemorou a passagem para a liberdade, imolando um cordeiro. Para os cristãos, o cordeiro é o próprio Jesus, Cordeiro de Deus, que foi sacrificado na cruz pelos nossos pecados, e cujo sangue nos redimiu: "morrendo, destruiu nossa morte e, ressuscitando, restituiu-nos a vida". É a nova Aliança de Deus realizada por Seu Filho, agora não só com um povo, mas com todos os povos.

A QUARESMA

Estamos a viver o tempo da Quaresma, um momento de reflexão, tempo de entrega a Deus, penitência, arrependimento e, principalmente, de renovação. Nós somos como vasos de barro. Um vaso de barro é frágil, tal como nós. Mas se nos entregarmos a Deus ficaremos muito mais fortes, capazes de nos transformarmos em homens novos para tornar o mundo um pouco melhor. Começamos este tempo de Quaresma com a Quarta-feira de Cinzas. Essas cinzas que recebemos provêm do fogo que nos aquece e ilumina e que, agora, simbolizam renovação. As cinzas são como fertilizantes. Temos de receber essas cinzas fazendo com que algo de bom cresça dentro de nós.

Este é o convite que Deus nos lança neste tempo de Quaresma. Procuremos receber essas cinzas entregando-nos a Deus, refletindo sobre os nossos pecados e pedindo remissão dos mesmos, para que no Domingo de Páscoa possamos receber a presença alegre de Jesus Cristo ressuscitado.



O pão e o vinho, desde a antiguidade, são a comida e bebida elementares para muitos povos. Cristo, ao instituir a Eucaristia, serviu-se dos alimentos mais comuns para simbolizar a sua presença constante entre e nas pessoas de boa vontade. Assim, o pão e o vinho simbolizam essa aliança eterna do Criador com a sua criatura e a sua presença no meio de nós.

Jesus já sabia que seria perseguido, preso e pregado numa cruz. Então, combinou com dois dos seus discípulos, para prepararem a festa da Páscoa em lugar seguro. Quando tudo estava pronto, Jesus e os outros discípulos chegaram para, juntos, celebrarem a ceia da Páscoa. Esta foi a Última Ceia de Jesus. A instituição da Eucaristia foi feita por Jesus na Última Ceia, quando ofereceu o pão e o vinho aos seus discípulos dizendo: "Tomai e comei, este é o meu corpo... Este é o meu sangue...". O Senhor instituiu o sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar assim o Sacrifício da Cruz ao longo dos séculos, até que volte, confiando deste modo à Igreja, o Memorial da sua Morte e Ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal, em que se come Cristo, em que a alma se cumula de graça e nos é dado um penhor da glória futura. A páscoa judaica lembra a passagem dos judeus pelo mar vermelho, em busca da liberdade. Hoje, comemoramos a páscoa lembrando a jornada de Jesus: vida, morte e ressurreição.



Cristiana Quinta - 11.º ano



ESTÁGIOS

As alunas do 12.º ano iniciaram o estágio em dezembro de 2012 e terminarão a meados de maio de 2013. Na tabela abaixo, encontram-se os locais onde estão a desenvolver a iniciação à vida ativa.

ESTAGIÁRIA	INSTITUIÇÃO
América Hossi	<i>Residências Lar Emanuel - Marrazes</i>
Ana Pereira	<i>Campos do Lis – Gândara Olivais</i>
Ana Alves	<i>Fraldinhas – Marrazes</i>
Cassandra Gomes	<i>Sininho Azul – Marrazes</i>
Cláudia Dias	<i>Os Malmequeres – Pinheiros</i>
Cláudia Gil	<i>Centro Social Batista – Cruz d'Areia</i>
Diana Marques	<i>Ninho – Leiria</i>
Inês Clemente	<i>Lar Emanuel – Gândara Olivais</i>
Inês Ribeiro	<i>Solar dos Avozinhos – Olivais</i>
Isabel Isidro	<i>Residências Lar Emanuel – Marrazes</i>
Mélanie Ruivo	<i>Balão Mágico – Leiria</i>
Priscília Abreu	<i>Bom Samaritano – Fátima</i>
Sofia Domingues	<i>Azul e Rosa - Marinheiros</i>
Teresa Ferreira	<i>Centro Infantil – Monte Real</i>

TOME NOTA:

Próximas atividades agendadas:

- Musicoterapia (abril)
- Desporto Escolar (abril)
- Corrida Solidária (maio)
- Festival de Teatro Juvenil (maio)
- Festa Final (junho)
- Exames (junho/julho)



Desporto Escolar

As atividades do desporto escolar constituem um momento de convívio entre alunos e professores de diferentes escolas e, conseqüentemente, proporcionam um intercâmbio cultural. É um momento durante o qual existe partilha de experiências e é uma oportunidade que muitos alunos



têm de participar nas atividades de que mais gostam! O facto destas serem gratuitas permite que sejam holisticamente inclusivas! O objetivo principal direciona-se para a formação dos alunos e não para a especialização precoce ou para o interesse financeiro.

Os professores, quando fazem parte de um grupo/equipa desportivo (na nossa escola grupo/equipa de ARE - Atividades Rítmicas e Expressivas), tentam organizar atividades que se aproximem dos interesses dos alunos, para que eles as realizem como se estivessem em prova! Nessa prova compete-se por prazer e não pelos lugares no pódio.

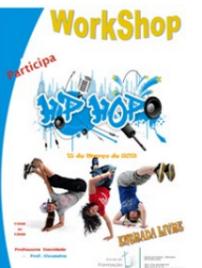


Tendo em conta esta perspetiva, o grupo/equipa das ARE do Desporto Escolar organizou dois *workshops* de Dança e um Encontro/Exibição de Atividades Gímnicas e ARE. A nossa escola participou em dois desses: no *workshop* de dia 30 de janeiro, na Escola Básica da Maceira e no Encontro/Exibição, realizado no Agrupamento de Escolas de Porto de Mós, no dia 13 de março.

Estas atividades foram um sucesso por termos conseguido reunir, num momento de convívio, os alunos de diversas de escolas.

A adesão dos alunos a estes eventos e o empenho revelado na realização de todas as atividades propostas, culminou com o propósito de que todas as dificuldades são ultrapassadas quando existe interesse. Por este motivo quero felicitá-los.

Importa ainda referir que o grupo de Educação Física convidou uma professora de Hip-Hop, a professora Alexandra, para realizar um *workshop*. Este dirigiu-se a toda a comunidade escolar superando as expectativas. Os alunos participaram de uma forma bastante positiva.



São atividades deste tipo que ajudam a munir os nossos alunos de instrumentos fundamentais para o seu futuro e que os motivam para a realização de futuras atividades. A escola tem por isso um papel fundamental no desenvolvimento harmonioso e multilateral dos parceiros envolvidos.

Prof. Tiago Santos



PERCURSOS E VIVÊNCIAS

Prova de Corta Mato – Fase CLDE

No dia 28 de janeiro realizou-se o corta-mato distrital na vila de Alvaíazere.



A partida foi marcada para as 8h30 min. Chegámos ao local do evento por volta das 9h45 min. Uns alunos foram-se equipar enquanto outros foram para junto da pista ver a realização das provas, até chegar a sua vez.

À medida que se ia aproximando a nossa vez os nervos começavam a ser mais visíveis.

Enquanto decorriam as outras provas íamos tendo consciência do estado do percurso e também das dificuldades que iríamos ter ao longo do mesmo.

Após a chamada, os alunos dirigiram-se para o local das partidas para dar início à prova.

Os alunos iam-se atascando nas inúmeras poças de lama até chegarem à meta. Como se pode verificar na imagem, o estado das nossas sapatilhas comprovam-no!

Quando estávamos a almoçar demos conta que



a nossa escola fora chamada ao pódio por duas vezes, pois havíamos ganho o prémio de 2.º e 3.º lugares por equipas!

Apesar de todas as adversidades, foi um dia repleto de vitórias!

Daniela Rodrigues - 11.º ano

“A alegria está na luta, na tentativa, no sofrimento envolvido e não na vitória propriamente dita”.

“Nas grandes batalhas da vida, o primeiro passo para a vitória é o desejo de vencer”.

Mahatma Gandhi

Ida ao Teatro

No dia 28 de janeiro, a turma do 11.º ano deslocou-se ao Teatro José Lúcio da Silva, para assistir à representação da obra dramática *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett, que faz parte do programa da disciplina de Português do 11.º ano e que andamos a estudar neste preciso momento. Fomos acompanhadas pelas professoras das disciplinas de Português e História C.



Com esta aula, diferente, pretendeu-se desenvolver o espírito crítico, fomentou-se o gosto pelo teatro e proporcionou-se a possibilidade de aprender de forma mais lúdica.

A representação da peça esteve a cargo dos alunos da Escola Secundária Afonso Lopes Vieira.

Gostei desta representação porque, quem conhece o texto dramático, identifica automaticamente as personagens, embora estas fossem um pouco diferentes das da peça original.

A atriz que representou a personagem Madalena, no meu entender, conseguiu expressar bem a intensidade do seu sofrimento, aquele desespero obsessivo que tão bem é retratado no texto de Almeida Garrett.

A representação da personagem Maria foi excelente: eram duas “Marias” e ambas conseguiram transmitir bem a jovialidade da personagem, apesar da doença de que padecia.

Outra personagem engraçada e diferente foi a de Frei Jorge, nesta peça retratada pela Freira Georgina. Foi hilariante!

Os cenários eram simples, mas estavam ótimos porque, na simplicidade, conseguimos identificar o local onde se passava a ação.



De uma maneira geral, assistir a esta representação foi muito bom para a turma. Pode ser que as alunas

tomem mais gosto por este tipo de eventos e, para aquelas que vão acabar por não ler o texto, sempre ficam a conhecer a história. Para mim foi muito mais emocionante assistir à representação desta peça, pois diverti-me bastante e compreendi melhor o texto original.

Mariana Alves - 11.º ano

Festa de Carnaval

Realizou-se, durante a tarde do dia 7 de fevereiro, a festa de carnaval, organizada pelas alunas estagiárias do 12.º ano.

A avaliação é bastante positiva, sendo de realçar a presença de sete instituições externas à escola, número nunca antes alcançado! As fotos testemunham esse momento de partilha e convívio.



UMA VISITA ESPECIAL

VISITA DO SR. BISPO, DOM ANTÓNIO MARTO

No dia 14 de fevereiro, pelas 16 horas, o Senhor D. António Marto, Bispo de Leiria-Fátima, visitou a nossa escola. Deixamos o discurso de acolhimento que foi proferido pelo senhor Diretor Pedagógico:

«Excelência Reverendíssima, D. António Marto, Bispo de Leiria-Fátima,

Enquanto responsável pedagógico pela Escola de Formação Social Rural de Leiria, propriedade da AEC – Associação de Educação e Cultura – cuja direção se encontra também nesta plateia, permita-me que o saúdo de uma forma particularmente afetuosa neste dia 14 de fevereiro – que a sociedade consumista teima em *consagrar* aos namorados – e lhe dê as mais calorosas boas vindas, em nome de toda a comunidade educativa (alunos, funcionários e professores) desta humilde, mas grandiosa, instituição que, desde 1956, vem formando, *tant bien que mal*, jovens com a difícil, contudo nobre, tarefa de intervir nos meios sociais mais desfavorecidos, de norte a sul de Portugal, incluindo as ilhas e além-fronteiras.

Integrada na visita pastoral à paróquia de Marrazes, na qual nos integramos, ainda que de uma forma pouco participativa, muito nos orgulhamos de fazer parte do roteiro das comunidades cristãs com as quais V. Ex.ª Reverendíssima pretende encontrar-se, partilhando o seu vastíssimo saber e conhecimento, trazendo-nos, certamente, uma palavra de esperança no futuro, apesar dos tempos conturbados que conhecemos e nos querem coartar a legítima alegria de viver, sobretudo nas camadas mais jovens que parecem não encontrar horizontes consistentes, numa sociedade que ameaça, despidoradamente, retirar-lhes os verdadeiros valores da essência humana.

O projeto educativo da nossa escola, na senda do pensamento do seu ilustre e clarividente fundador, Monsenhor José Galamba de Oliveira, orienta-se pelo ambicioso, mas desafiante, lema “*Aprender para crescer, receber para partilhar*”. É, pois, neste contexto de partilha que pretendemos, antes de encetarmos o momento de fraterna e afável conversa, apresentar uma pequena dramatização, de temática sempre atual, fruto do singelo trabalho que se vai edificando, paulatinamente, no *curso tecnológico de educação social* e para a qual vou solicitar, dentro de momentos, a vossa melhor atenção.

Uma palavra final, Senhor D. António: neste início de Quaresma, sintase em casa nesta *sua casa*, reavive em nós a chama da caridade e partilhe connosco o singular, o grande e o precioso *tesouro da fé!* Muito obrigado».



Homenagem

Quantos dedos é preciso para descrever alguém?
Não para descrever um alguém qualquer,
Mas sim para descrever alguém que só por si é acolhedor,
Alguém sincero,
Alguém humilde,
Alguém que segue os sonhos sem ter medo das consequências possíveis.

Alguém que conquista o coração de alguém,
Só pelas suas sábias palavras ternurentas,
Que acolhem um coração qualquer,
Apenas com um sorriso breve no intervalo de uma conversa.

Não foi preciso café, torradinha ou outro elemento,
Foram precisos apenas cerca de sessenta minutos, o equivalente a uma hora,
Uma hora cheia de bons conselhos, cheia de uma boa conversa,
Acompanhada com uma singela música harmoniosa, que se fez soar pelo final.

Sois, vós, tão prezado Dom António Marto,
Que conquistais os nossos corações apenas com uma sincera conversa,
Que nos ajudastes a que percebêssemos que os sonhos Também fazem parte da realidade,
E que vale a pena acreditar naquilo por que mais ansiamos.

Foi uma tarde cheia de sorrisos.
Naquela mesma tarde, no dia 14 de fevereiro,
Aprendemos que teremos sempre um “amigo”,
Preocupado,
Interessado,
Divino de humildade e que, apesar de distante,
Presenciará sempre algures na nossa memória!
Obrigada pela companhia,
Pela visita,
Pelas palavras,
Simplesmente: obrigada!

Mariana Cunha - 11.º ano





MOMENTOS DE REFLEXÃO

De onde venho?

De onde venho?
Venho de onde a felicidade tem valor.
Onde o amor tem o seu espaço e a sua cor.
Lá onde o respeito é a base da amizade.

De onde eu venho os mais velhos são respeitados,
Os idosos são uma biblioteca viva.
Venho do país do último mundo (economicamente);
Mas o primeiro em respeito e fidelidade.

Sim! Eu venho de lá onde as crianças brincam na chuva,
Onde correm descalças, atrás de uma bola de trapo.
Sim! Eu venho de lá para onde voltarei um dia,
Lá onde reside a alegria.

Venho de Angola, que tem a cor vermelha,
Negra e amarela,
Na sua bela bandeira.



Carol Agostinho - 10.º ano

Olhar através...

Chego a este espaço, quase calmo, e deparo-me com um dos objetos mais "banais", mas que não é visualizado todos os dias. Junto do campo de jogos, onde tudo passa a correr, olhei por entre as redes do cesto onde muitos tentam acertar até conseguirem encestar uma bola, para o Castelo de Leiria. Este cesto é como a vida, um acertar no que é mais provável e que nos parece mais certo. Como sucede no nosso dia-a-dia, em que um pequeno deslize pode conduzir-nos à derrota, ao isolamento, à decadência, ou até mesmo à perda irreversível de algo que nos é querido.

O medo em correr o risco de não encestar pode ser para uma criança, ingénuo, uma razão para continuar a tentar, mas para um jovem pode apresentar-se como um desafio perante o qual desiste sem tentar.

Através deste cesto, posso ver casas, ruas, montanhas, árvores, janelas, o céu, a terra, as nuvens brancas! Posso ver muito porque ele partilha o que tem, mostrando o que de melhor há. Vejo-o como um elemento parcial, transparente, alegre e puro.



Como este cesto posso mostrar qualidades e fraquezas. Posso entregar-me a alguém ou a alguma coisa, como este cesto se dedica ao Basquetebol, mas se me entregar assim a algo em que eu confie, e que confie em mim, sei também que me posso estar a iludir-me, razão pela qual me acautelo.

Se este cesto pudesse evitar muitas boladas, sei que as evitaria, pois mostra-se atento, como o silêncio que me conforta algumas vezes e nos aproxima daquele amigo que nos ampara nas tempestades da vida e nos momentos de bonança e que é o princípio e o fim de todas as coisas.

Inês Ribeiro - 12.º ano

O céu



A sua imensidão é infinita e quantas vezes olhamos para ele e não vemos nada? O seu azul perfeito como a cor do mar, onde a possibilidade de nascerem novas imagens e pensamentos é inigualável. Balão de ar quente, bebé, estrelas, flores, carros, furacões, tudo é possível quando olhamos para o céu, tudo acontece quando o nosso olhar toca a sua imensidão e é tudo tão honesto, tão calmo, tão imbatível. Ele está em todo o lado, visto por todos, tocado por nenhum. Tão cheio de criatividade, como se soubesse tudo aquilo que queremos e precisamos de ver, entende o nosso íntimo quando nem nós mesmo sabemos ou entendemos aquilo de que precisamos. É como a nossa vida, parece sem fim, mas que toca no horizonte e ensina-nos que, com algo simples, poderemos fazer mil e uma coisas e torná-las maravilhosas, tal e qual como as nuvens que não sendo nada são tudo.

Cassandra - 12º ano

A Vida

A vida é uma corrida que acaba por fazer parecer os dias mais curtos que compridos. A vida faz mais sentido quando temos ou encontramos amor que nos encha o coração.



A vida é uma rapsódia, às vezes calma, às vezes agitada e parece uma guitarra que ora chora o fado ora canta a vida.

A nossa existência é como o sal e o açúcar, a água ou o vinagre. Muito julgamos saber as pessoas sobre a vida dos outros, mas da sua revelam conhecer muito pouco. Algumas falam dela de barriga meio cheia e outros contentam-se com um quase nada que lhes parece suficiente. A verdade é que ninguém enche a barriga de vida plena, porque quem diz já muito que muito já se viveu, ou que já se viveu tudo o que havia para viver, mas a vida tem muitos caminhos inexplorados. A vida tem um enorme céu aberto, o qual não alcançamos em vida, mas muito se fala do céu. Quem pode, final, dizer que conhece o céu?

Nesta nossa existência somos, por vezes, fantoches dos nossos sonhos e crenças. Se sonho de uma maneira e luto pela vida à procura de realizar esse sonho, pois não seria diferente se não sonhasse? E não é verdade que os meus sonhos são diferentes dos sonhos dos outros? Pois não é verdade que, se temos todos sonhos diferentes, então é porque somos todos diferentes?

Ana Cristina Pereira - 12º ano



Árvore de Inverno

Ao fundo, vejo aquilo que parece ser o fim de um ser. Os seus ramos secos, como a pele que envelhece com o passar do tempo, não escondem a elegância que outrora desfilava na passerelle da vida.

No inverno, liberta-se de preconceitos. As suas folhas voam ao sabor do vento epocal, mas ressurgem mais tarde.

Na primavera, as suas folhas brotam como o nascer do sol, que devagar nasce por detrás do monte, e enchem de vida o que até então parecia sucumbido...

Cláudia Dias - 12.º ano



Será?

Será que estamos sozinhos? Do que precisamos? Presumo que muitos não o saberão...

Precisamos de tempo? Precisamos de espaço? Ou será que precisamos de algo diferente?

Por vezes queremos que, num sítio escuro, as pessoas que muito dizem e que estão ao nosso lado nos iluminem o caminho... E porquê?

Por estarmos sozinhos, de olhos fechados, sentimos mil vultos à nossa volta, vultos mudos, tornando-nos transparentes aos olhos dos que nos veem, mudos aos ouvidos dos que nos ouvem... Era fácil se entendessem os nossos pensamentos, em vez de tentarmos gritar, em vez de tentarmos ser compreendidos...

Andreia Santos - 11.º ano



Para o meu tesouro



Para ti, meu bem,
Tu que chegaste como um dilúvio.
Que me envolveste, como a globalização fez ao mundo.
Aquele que faz os meus dias terem cor
Que me faz ter um valor
A rainha do meu império
A sua alteza, minha amada,
Que me faz ser o que sou
A mulher que me transformou.

Tu és o meu porto seguro
Meu paraíso perfeito.
A ti o meu agradecimento com a alma e a vida, por tudo, desde o sorriso nos meus lábios, ao brilho dos meus dias.

Carol Agostinho - 10.º ano



Deixo-me anoiecer
Só para brilhar dentro de mim
A tua estrela.

Deixo-me adormecer
Só para acender a tua voz
No meu espaço.

Deixo-me amanhecer
Só para pisar com pés descalços
A mesma terra que tu pisas.

Deixo-me viver
Só por saber que
Tu existes!

Pai, a minha sombra és tu...

a cadeira está vazia, um corpo ausente
não aquece a madeira que lhe dá forma

e não ouço o recado que me quiseste dar
nem a tua voz forte que grita meninos
na hora de acordar
ouço o teu abraço, no corredor em gaia
e os olhos molhados pela inusitada despedida
o sol fuge
mas o crepúsculo desenha a sombra que
tenho colada aos pés
ou o espelho, coberto com a tua face

pai, digo-te
a minha sombra és tu.

Jorge Reis-Sá, in *A Palavra no Cimo das Águas*

Pai,

Ainda me lembro bem do teu olhar, e mais
brilhante o tenho agora na lucidez da saudade...

Ainda me lembro bem da tua voz e lágrimas
derramo por ouvir o seu silêncio...

Na dimensão desmedida do meu amor por
ti, a tua vida ficará para sempre gravada na
minha alma e no meu coração...



"Sábio é o pai que conhece o seu próprio filho."

William Shakespeare, in *O Mercador de Veneza*.